

Entrevista Especial: Professor Dr. D. Graham Burnett¹



Foto: Acervo Princeton University.¹

Deise Simões Rodrigues

Doutoranda em História
Universidade Federal de Minas Gerais;
Princeton University; Capes - PDSE
deiseouropreto@yahoo.com.br

Polyana Valente Vareto

Doutoranda em História
Universidade Federal de Minas Gerais
polyvalente2007@yahoo.com.br

Rute Guimarães Torres

Mestranda em História
Universidade Federal de Minas Gerais
rutetorres@gmail.com

Tradução: Deise Simões Rodrigues (Pesquisadora e estudante visitante no Departamento de História/Programa de História da Ciência na Princeton University – Doutoranda em História na Universidade Federal de Minas Gerais – bolsista Capes PDSE).

Prof. Dr. D. Graham Burnett

D. Graham Burnett é um historiador da ciência, escritor e professor de história afiliado ao Programa de História da Ciência, ao Programa de Direito e Assuntos Públicos, ao Centro de Arquitetura, Urbanismo e Infraestrutura e ao Instituto Ambiental na Princeton University. Realizou o doutorado no Departamento de Filosofia e História da Ciência na Cambridge University, onde foi membro do Trinity College. Foi professor em Yale e Mellow Fellow em Humanidades na Columbia University. Atua como editor da revista de arte *Cabinet* e é membro do Instituto de Humanidades de Nova Iorque. É autor de cinco livros. Seu primeiro trabalho, *Masters of All They Surveyed* (2000) examina as relações entre a cartografia e o colonialismo no século XIX. Também é autor de *A Trial By Jury* (2001), um relato de sua experiência como jurado em um julgamento de um assassinato em Manhattan e *Descartes and the Hyperbolic Quest* (APS, 2005), monografia sobre o pensamento cartesiano. Em 2007, publicou *Trying Leviathan*, vencedor dos prêmios Hermalyn e New York City Book em história urbana. Sua mais recente publicação é *The Sounding of the Whale* (2012). Escreveu ensaios e resenhas para várias publicações, incluindo *New Yorker*, *Harpers*, *Economist*, *American Scholar*, *Daedalus*, *New York Times*, *Times Literary Supplement* e *New Republic*.

¹ Entrevista concedida em 09 dez. 2014.

Revista Temporalidades: Os estudiosos da História da Ciência no Brasil têm desfrutado de um diálogo produtivo com autores americanos. A historiografia anglo-saxônica tornou-se uma referência metodológica e teórica para as nossas pesquisas em História da Ciência; exemplo disso foi à apropriação de conceitos como o paradigma de Thomas Kuhn. O senhor poderia nos dizer se Kuhn e os demais pesquisadores como Martin Rudwick, Stephen Jay Gould e Charles Percy Snow permanecem influências significativas na produção de História da Ciência nos Estados Unidos? Quem seriam as novas referências nesta área? Poderia também, por favor, comentar sobre aqueles estudiosos cujo trabalho tem particularmente influenciado o seu próprio?

Professor Burnett: A obra de Kuhn continua significativa e ainda é leitura obrigatória para todos no campo. Cada um dos outros autores que você menciona também podem ser lidos de forma produtiva: eu acho que, alguns que buscam seus caminhos em direção a uma aprendizagem técnica na história da ciência, encontram primeiro a ideia de historicizar a ciência em um ou outro dos ensaios de Gould; qualquer um que trabalha na história da geologia ainda deve considerar *The Great Devonian Controversy*, embora eu não acredite que a analítica geral de Rudwick para a mudança científica tem sido assumida por muitos estudiosos que trabalham outras instâncias de "resolução de disputas" nas ciências; neste ponto, a tese de C.P. Snow "Two Cultures" é um pensamento melhor, assim como ele mesmo uma parte da história cultural das ciências no século XX e o estudo minucioso das ramificações de sua declaração/diagnóstico lança muita luz sobre o lugar da ciência e tecnologia na Guerra Fria, um período atravessado com ansiedades a respeito da descolonização, da tecnocracia e do desenvolvimento econômico global (eu me ocupo dessas questões detalhadamente em "A View from the Bridge: The Two Cultures Debate, Its Legacy, and the History of Science"², que examina as reverberações do conflito Snow-Leavis no "terceiro mundo"). Quais são as obras mais recentes que realmente importam agora? O *Leviathan and the Air Pump* de Shapin e Shaffer, é neste momento, eu acho, tão fundamental como Kuhn. Meu próprio trabalho tem sido instruído pelas leituras de Michel Foucault, Bruno Latour, James Secord, Robert Richards, Lorraine Daston, Peter Galison, e, – formativamente, no meu caso – Greg Dening.

Revista Temporalidades: Em seu livro *A Trial by Jury* (2001), o senhor narra sua experiência como um primeiro jurado no julgamento de um assassinato em Manhattan. A partir desta experiência, é possível afirmar que o desenrolar de um julgamento é semelhante ao processo de construção da narrativa histórica, uma vez que ambos lidam com fatos apenas parcialmente recuperáveis, e com ideias, memórias, pistas, recortes, valores ...? O senhor considera que a sua

² D. Graham Burnett, *Daedalus* Vol. 128, No. 2, (Spring, 1999), pp. 193-218

formação em História lhe ajudou no caso? Como sua experiência no julgamento provocou reflexões sobre sua atividade como historiador?

Professor Burnett: Eu fui fortemente afetado pela minha função de jurado naquele caso difícil. O problema fundamental – Como devemos chegar a um acordo conforme aquilo que se obtem? Ou, de que modo podemos chegar a um consenso de trabalho sobre os fatos, sobre o que é verdade e o que aconteceu? – é colocado no mais penetrante alívio possível no contexto de um julgamento criminal. A epistemologia assume uma urgência nesse cenário, uma urgência ausente até mesmo no mais intenso seminário de discussão. Os historiadores da ciência tem tido conhecimento desde algum tempo da inosculação entre as práticas jurídicas e científicas e tem entendido o fórum do tribunal como um referente histórico significativo no surgimento das ciências modernas da natureza. Eu frequentemente sentia, quando sentei no banco dos jurados durante aquele julgamento, que a questão mais difícil em nosso campo – Como, em tempos e lugares específicos, certos indivíduos e grupos vem falar sobre a verdade real ... e adquirem credibilidade? – estava sendo dramatizada diante de mim. Eu fiquei tão comovido intelectual e pessoalmente pela experiência que cheguei a editar um dôssie especial na *Isis* "Science and the Law", e publicar um livro, *Trying Leviathan*, que gira em torno de um julgamento.

Revista Temporalidades: A relação entre o mundo natural e o mundo social foi discutida em seu livro *Trying Leviathan* (2007). Uma das conclusões possíveis ao leitor é que as classificações da natureza dependem da posição social do classificador, que cria uma taxonomia de acordo com a sua linguagem e experiência com a natureza. Desta forma, as baleias foram classificados como peixes antes de serem considerados mamíferos. Para além da ciência, a classificação do mundo natural também foi disputada por diferentes taxonomias oriundas de tradições religiosas e vernáculas, e influenciadas pelas dinâmicas políticas e econômicas da sociedade. Neste sentido, podemos dizer que o conhecimento científico é uma narrativa subjetiva do cientista dentre outras narrativas possíveis? E que a autoridade deste conhecimento científico dependerá da condição histórica da ciência diante das outras formas de conhecimento da natureza?

Professor Burnett: Dizer que a autoridade do conhecimento científico dependerá da condição histórica da ciência em face de outras formas de conhecimento da natureza (e eu diria que isso me parece incontroverso), *não* é dizer que "o conhecimento científico é uma narrativa subjetiva do cientista." Para começar, não é de maneira nenhuma óbvio que o conhecimento científico tem qualquer estrutura narrativa obrigatória. O conhecimento científico pode ser usado em situações narrativas, mas o próprio conhecimento frequentemente assume outras formas. É também uma questão com certa complexidade definir com clareza e eficácia, o que aqui se quer dizer com "subjetiva". Em *Objectivity*, Daston e Galison fazem um pouco do trabalho fundamental para

mostrar a especificidade histórica da díade subjetivo/objetivo, e eu estou convencido pelo argumento deles ali - fazemos bem ao entender a subjetividade como um tipo muito particular de ansiedade pós-kantiana (onde a produção do conhecimento está em causa). Agora há sempre essa pergunta iminente (a qual eu levo você a assinalizar aqui), a maior delas, a pergunta sobre o status final do conhecimento científico. Esta pergunta pode ser colocada de muitas maneiras diferentes, em muitos diferentes "registros". Ela tem, é claro, uma forma onto-teológica de antiguidade considerável e alguma grandeza real. Reproduzida em jornaleco a questão toda não raramente parece uma desculpa para meros insultos. O que dizer sobre tudo isso, em resumo? Vivemos em nossas mentes, e vivemos em nossos corpos. Nenhuma filosofia – livresca ou prática – pode ignorar ou elidir essa duplicidade de nossa experiência. Pode ser fantasiada à distância, temporariamente, e a sensação de se ter conseguido fazê-lo muitas vezes é tão emocionante. No entanto, definitivamente abandonar/transcender o problema equivale, na minha opinião, à loucura irreversível e/ou à morte. Há muito a ser dito sobre ambas destas opções, mas vamos colocá-las de lado para propósitos do presente. Permanecendo com a duplicidade, por um momento, então (a articulação de que pode ser historicizada, mas a realidade da qual eu levo – polemicamente eu percebo – ser trans-histórica), enfrentemos o fato de que qualquer acerto de contas significativo com a existência humana requer algum relato de como as experiências altamente divergentes da mente e do corpo podem ser colocadas juntas. Há muitos desses relatos. Todo ser humano na terra, cada grupo de humanos na terra, detém – em maiores ou menores graus de explicitação – uma teoria sobre o assunto. Cada um que eu tenho encontrado basicamente me agrada – um sente que o trabalho está sendo feito; um se alegra com a sensação de um parentesco que subtende tamanha diversidade. Eu tomo a "ciência" para ser um desses programas de coordenação fundamentais que atravessa o dualismo profundo que é a existência humana. Certamente, a "ciência" tem sido muitas coisas ao longo dos últimos dois mil anos. Mas eu acredito que é melhor entendida, a grosso modo, como um projeto coletivo em curso para perceber e agir de acordo com uma teoria robusta da relação da mente com o corpo – de pensamento para coisas, da razão para aquilo que os escolásticos chamaram de "extensão". Se isso for verdade, seria surpreendente descobrir que as ideias científicas estão "apenas em nossas cabeças." Não é absolutamente impossível que seja este o caso, mas a única forma – parece-me – que poderíamos vir a ter qualquer sentimento real por essa descoberta de uma forma geral e responsável, seria se estivéssemos fazendo isso, a partir da perspectiva de algum outro (pelo menos igualmente) programa elaborado e bem-feito para relacionar mente à matéria. Eu acho que é uma questão em aberto saber se essa plataforma, uma "posição de sujeito" atualmente está disponível para uma pessoa que pensa com amplo acesso à aprendizagem.

Revista Temporalidades: Seu primeiro livro, *Masters of All They Surveyed: Exploration, Geography, and a British El Dorado* (2000), faz várias contribuições importantes para o entendimento da concepção da imaginação europeia da América. O senhor poderia falar um pouco sobre como as narrativas de viagem como literatura contribuíram para disseminar o conhecimento sobre as regiões exploradas, bem como o impacto que tal conhecimento teve na visão europeia das Américas?

Professor Burnett: *Masters of All They Surveyed*, de fato, centra-se sobre a questão de como um lugar pode ser "feito" / "transportado" por meio de um conjunto de práticas textuais interligadas. A escrita em geral e narrativas de viagem em particular são chave aqui, mas como também claramente são as imagens – tanto as tradições de representação da paisagem que eu examino com detalhe no livro e a própria forma poderosa e específica de imagens tecnocientíficas que chamamos de mapa. Minhas preocupações, quando eu embarquei na pesquisa para minha tese, eram substancialmente pós-coloniais. Eu tinha sido enormemente impactado pela minha formação com o acadêmico dos Estudos Subalternos, Gyan Prakash. Entre minhas leituras de Gyan em Foucault e seus interlocutores marxistas sul-asiáticos (por um lado), e períodos de formação dos tempos de viagem na Índia e na África (por outro), eu estive obcecado por uma questão básica: como foi que os europeus e seus descendentes crioulistizados vieram a reivindicar a soberania territorial sobre algo como setenta e cinco por cento da superfície da terra no início do século XX. Este é o problema, a partir do qual Edward Said se desvia em seu *Culture and Imperialism* (1994) e é o problema que motivou *Masters of All They Surveyed*. Fundamentalmente, essas reivindicações territoriais foram baseadas em representações cartográficas. Era minha esperança de que eu poderia através da análise do processo pelo qual uma "terra incógnita" veio a ser representada por mapas imperiais como possessões limitadas e reificadas dar tanto uma pequena contribuição a compreensão do atual processo de desapropriação hegemônica que legou ao tardio século XX uma série de problemas geopolíticos e as injustiças sociais, quanto de alguma maneira estabelecer uma posição crítica de que para desestabilizar alguns dos legados da era do alto imperialismo. Devo admitir que mais tarde viria a ter sérias dúvidas sobre este tipo de trabalho. Uma experiência mais íntima com as realidades do dia-a-dia das políticas anticoloniais ou de descolonizações (experiências que eu ainda não tinha tido nos meus 20 e poucos anos, quando realizava a pesquisa e escrevia o que resultou em *Masters of All They Surveyed*) significativamente minada pela ingênua confiança/entusiasmo – por exemplo, da crença improdutiva de que uma monografia acadêmica sobre a geografia do século XIX poderia de alguma forma oferecer um fulcro significativo para a política progressista – que eu percebo agora, em cada página, folheando meu livro sobre El Dorado. Uma indiscrição

juvenil, eu sinto neste momento, esses aspectos daquele estudo. Não que eu negue o trabalho como um todo – ainda há muito nele que eu defenderia, e até mesmo algumas coisas que eu recomendaria. Por exemplo, na releitura do texto, lembro-me de uma das fontes sublimados em todo o projeto de pesquisa – o belo ensaio de J. Hillis Miller sobre o poema de Wallace Stevens “The Idea of Order at Key West” (“The Ethics of Topography” no seu volume de 1995 *Topographies*). Eu estava escrevendo uma história da ciência, para ser honesto, e eu estava amplamente concentrado sobre a ciência da geografia e estreitamente sobre as técnicas específicas de formas de averiguação astronomicamente orientadas e a informação utilizada por cartógrafos no século XIX. E ainda, desde o princípio, as minhas mais profundas paixões pela fonte-material residia na linguagem – na composição cósmica do poder das palavras, que como os faróis de mastros de basculantes claros (ou são lamparinas?) dos barcos de pesca ancorados na imagem final do belo poema de Stevens: “Master[...] the night and portion[...] the sea / Fixing emblazoned zones and fiery poles.”³ É, em última análise, nas cintilações da nossa balbúcia, oscilação, os esforços cintilantes na *representação* em todas as suas formas desesperadas que testemunhamos menos o representado (seja qual for) que a “abençoada fúria por ordem” que canta perpetuamente onde quer que os seres humanos são encontrados. Por mais estranho que possa parecer, esta é a história que eu tanto gostaria de contar em *Masters of All They Surveyed*. Eu falhei, claro. E, no entanto, folheando-o novamente, eu posso sentir as demarcações fantasmagóricas daquela ambição. Relembrando, eu sou muito grato ao Trinity College e à liberdade daqueles anos na História e Filosofia da Ciência em Cambridge, porque eu estava autorizado a variar amplamente minhas leituras e dar a latitude considerável na conceituação do meu projeto de pesquisa. Se não fosse por esse fundamental interlúdio intelectual “indisciplinado”, eu acho que eu não poderia ter feito uma confusão tão distintiva e ambiciosa do meu primeiro trabalho acadêmico.

Revista Temporalidades: O campo da História Ambiental experimentou um boom na historiografia recente, quando os historiadores começam a prestar mais atenção na relação entre natureza e história através de uma reflexão sobre o meio ambiente. O seu trabalho volta-se para essa direção no seu mais recente livro *The Sounding of the Whale* (2012)?

Professor Burnett: Sim. É perfeitamente justo ver *The Sounding of the Whale*, no contexto de uma mudança historiográfica mais ampla (na história em geral, mas também na história da ciência e nos estudos da ciência e tecnologia) rumo às questões ambientais. Ao mesmo tempo, é

³ O tradutor optou por manter a citação do poema de Wallace Stevens sem tradução, por acreditar que comprometeria o entendimento da passagem transcrita, a qual o entrevistado substantivou os verbos “mastered” e “portioned” do poema original. No poema original lê-se: “Mastered the night and portioned out the sea, Fixing emblazoned zones and fiery poles.” N.T.

necessário especificar que, neste momento, existem muitos tipos diferentes de "história ambiental", e há certamente maneiras de interpretar este subcampo que colocaria meu livro muito longe do seu objetivo central. *The Sounding of the Whale* ocupa-se da mudança da compreensão de baleias e golfinhos ao longo do século XX. No coração do livro localiza-se um esforço para construir um sentido de como estes animais deixaram de ser entendidos como mercadorias industriais para serem reconcebidos como tipos emocionais, musicais, inteligentes, pacifistas, amigos da humanidade - líderes da moderna irresponsabilidade ambiental, símbolos da nossa ambição de renovar a nossa relação com o mundo natural, e finalmente como nada menos que avatares de um amanhecer da "era de Aquários". Em certo sentido, seria possível traçar este arco através da história cultural, mas enquanto eu estou interessado nas amplas dinâmicas da ação, na produção de sentido e na sensibilidade que chamamos de "cultura", a minha abordagem para o problema, neste caso, é fundamentalmente a de um historiador da ciência. Enfim, o livro é centralmente preocupado com o estabelecimento de quem sabia o que sobre estes animais, quando, e com que efeitos. Usando os arquivos de cientistas e instituições científicas dedicadas à pesquisa sobre os cetáceos ao longo do século XX, eu trabalho para estabelecer como o conhecimento destes animais mudou e como a alteração do conhecimento (e as formas de mudança de conhecimento) reverberou através das mais largas formações sociais, os processos políticos, e em última análise, remodelou o imaginário coletivo em grande parte do globo. É este estudo uma história ambiental? Sim, no sentido de que eu acredito que é possível ler *The Sounding of the Whale* como uma história de mudança das ideias sobre a natureza ao longo do século passado – quando essa extensa, narrativa elaborada é forçada a passar através do anel estreito de um único táxon (embora extremamente importante). É possível levantar um vasto panorama através de uma fenda muito estreita, mas é preciso olhar de bem perto, na verdade – e essa metáfora foi um conceito de organização ao conceituar este projeto. Também é importante ressaltar que a campanha "Save the Whales" foi um episódio paradigmático na ascensão do movimento moderno de conservação transnacional e neste sentido, *The Sounding of the Whale* pode ser lido como uma contribuição não só para a história do pensamento ambiental em geral durante o século passado, mas também para uma específica história social/política de "ambientalismo". Talvez valha mencionar que o meu livro tanto surgiu a partir de, como tem sido entendido para contribuir com o surgimento de uma história ambiental especificamente voltada para a marinha/oceano. Esta sub-sub-disciplina vigorosa – exemplificada, quem sabe melhor, por Jeff Bolster em *The Mortal Sea*, recente ganhador do prêmio Bancroft⁴ – tem energicamente estabelecido que o oceano global não é de nenhum modo um espaço vazio, historicamente

⁴ Bancroft Prize é uma premiação concedida anualmente pelos curadores da Columbia University para livros sobre a diplomacia ou a história das Américas. O livro *The Mortal Sea* foi o ganhador do ano de 2013. N.T.

falando. Os oceanos podem e devem ser historicizados. Dito isto, eu ainda essencialmente acredito que há algumas tensões metodológicas fundamentais entre a história da ciência (na forma em que eu vim a entender como normativa durante a minha formação no início dos anos de 1990) e a história ambiental (nas principais obras recentes no campo com as quais eu estou familiarizado). Dito de forma breve, aquela tensão equivale a isto: os historiadores da ciência visam historicizar o conhecimento natural, o que significa que o conteúdo e a forma das reivindicações de autoridade sobre a natureza são sempre e em toda parte submetidas a um crítico escrutínio implacável e iterativo (senão imaginativo e simpatizante); enquanto tal escrutínio é absolutamente impossível em um trabalho de história ambiental (na verdade, é proeminente e reflexivo no melhor deles), não pode ser dito ser o principal objeto do inquérito que geralmente tem por objetivo reconstruir a história de alguns professores não-humanos do mundo – e ao fazê-lo tais estudos quase inevitavelmente apelam às próprias ciências em prol de uma parcela considerável de suas evidências. Falando de um modo geral, os historiadores da ciência bastante autoconscientes evitam fazer uso das "melhores práticas na ciência atual" como um componente de suas análises de explicações e/ou descobertas científicas passadas. As melhores práticas científicas do nosso momento, quando se está pensando como um historiador da ciência, são simplesmente a matéria-prima para futuros historiadores da ciência – eles não estão a ser privilegiados em esforços para compreender o passado e torná-lo significativo para o presente. Há certamente alguma coisa quixotesca, possivelmente algo paradoxal e concebivelmente alguma coisa muito louca nessa postura, mas tem se provado produtiva como uma heurística (pelo menos) para a disciplina ao longo da última metade do século, como os praticantes da ciência história trabalham para estabelecer um domínio imaculado compartilhado pelo presentismo, hagiografia amadora, e/ ou whiggismo acrítico. Para um pensador formado em tal ceticismo reflexivo acerca do discurso tecnocientífico é bastante insatisfatório assistir um colega da história ambiental, persuasão feita aparentemente do indiscutível uso exatamente dos tipos de "descobertas" científicas, que devidamente deverão ser submetidos ao escrutínio crítico/histórico. Um exemplo vem à mente. Lembro-me de minha frustração com a celebrada monografia de 2005 de Jon Coleman *Vicious: Wolves and Men in America*, como me encontrei submetido aos esforços do autor para dar agência aos lobos como atores históricos por meio de uma invocação de estudos de comportamento animal sobre a semiótica das relações de dominância nos canídeos. Para alguém que se iniciou com Donna Haraway, soa bizarro ser oferecido como *evidência histórica*, o próprio tipo de pesquisa científica que se conhece perfeitamente bem exigiu um sério escrutínio histórico. Eu não quero fazer muito coisas desse tipo. Gregg Mitman e outros têm feito grandes esforços para demonstrar a coerência e

consiliência de trabalho sólido na história da ciência e áreas adjacentes da história ambiental. No entanto, eu ainda acredito que os historiadores ambientais tendem a tratar como um *explinans* o que o historiador da ciência abordará como um *explanandum*. Isto de forma relativa leva a uma profunda incomensurabilidade entre as preocupações fundamentalmente epistemológicas de historiadores da ciência e as fundamentalmente menos epistemológicas preocupações de historiadores ambientais.